



Não Desperdice o Bilhete / ارجوك الأ تهمل التذاكر

Conversa entre Gian Gigi Spina & Juliana Caffé

No dia em que você me matar
vai encontrar nos meus bolsos
bilhetes de viagens
um para a paz
um para campos e para a chuva
um para a consciência das pessoas
não desperdice o bilhete
eu te peço, meu assassino querido
por favor, viaje

JORDÃO

Onde fica o rio Jordão? Como você chegou até lá?

O Rio Jordão fica no Vale do Jordão, tem 143 km de extensão e é a fronteira entre a Palestina Ocupada e a Jordânia. Jesus Cristo foi batizado na beira do rio, do lado jordanense, em um local chamado *Al-Maghtas*. No começo de 2018, fui até a Jordânia para uma residência artística chamada *Spring Sessions*. Lá, visitei com um grupo de artistas o local de batismo de Cristo. No segundo semestre do mesmo ano voltei para lá, dessa vez por conta de outra residência, na Fundação MMAG, em Amman, capital do país. Fiquei cinco meses lá. Nesse tempo, voltei para *Al-Maghtas* cinco vezes, entrevistei pessoas, montei um grupo de estudos árabe/latino e paralelamente coletei imagens e textos sobre o local.



Jerusalém

Quando você diz "Palestina Ocupada" está se referindo ao Estado de Israel?

Basicamente uma das formas de se referir ao Estado de Israel sem dizer "Israel" é dizendo "Palestina Ocupada". Por exemplo, os jornalistas da *Al-Jazeera* quando reportam algo sobre esse território, ao final dizem "*reporting from occupied east Jerusalem*", justamente para evitar falar "Israel", principalmente no que diz respeito a Jerusalém. Uma outra maneira de se referir ao Estado, utilizada principalmente pelos palestinos que vivem na Cisjordânia, é "Dentro" (*Juwa*), por causa do muro, ou "48", ano de fundação do Estado. Isso é de fato impressionante, durante todo período que passei em Ramallah, capital da Palestina, ouvi pouquíssimas vezes a palavra "Israel" ser pronunciada.



Lugar de Batismo de Jesus Cristo

O que te chamou atenção nessa visita ao rio?

Al-Maghtas é um local seco, fica próximo ao mar morto, mas mesmo assim tem clima desértico, muito quente. Estávamos do lado jordanense, que é um país muçulmano, 92% da população é muçulmana. Mesmo sendo predominantemente muçulmano, tem quatro igrejas na beira do rio - uma armena, uma ortodoxa russa, outra católica romana, e uma ortodoxa grega -, além de escavações voltadas à história de Cristo. O que me chamou mais atenção foi que na margem à frente deste lugar, na Palestina Ocupada, existe toda uma infraestrutura turística construída e controlada por Israel e que ajuda a manter a narrativa judaico-cristã da "Terra Santa". Esse foi um momento de começar a pensar nesse projeto, de pensar o rio como um monumento líquido, como um construtor de ideias. No filme *Jordão*, eu escrevo sobre "desantificar a terra santa".

Desse mergulho nesse contexto, como se estruturou o filme Jordão?

Acabei produzindo o filme através de cinco frentes que atravessam o rio: a questão turística, a questão religiosa, a questão hídrica, a questão identitária e a questão fronteiriça. Tudo a partir da ideia do rio como monumento, o rio como fronteira, o rio censurado, o rio que constrói ideias.

Porque "censurado"?

Em 1994, com o acordo *Wadi Araba*, acordo de paz entre a Jordânia e Israel, o rio se transformou na fronteira entre os dois países. Um pouco mais tarde, em 1997, ficou decidido no *Kyl-Bingaman Amendment* (KBA) que imagens de alta resolução de satélite de partes do país, entre elas o Vale do Jordão, seriam proibidas. Isso aparece na primeira cena do filme. Com a transformação do rio em fronteira ele se torna zona de segurança, super controlado, fazendo com que a vida das famílias palestinas se torne ainda mais precária.



Campo de Refugiados de Jenin



Periferia de Ramallah e assentamento de colônias ao fundo

Você poderia falar um pouco sobre cada uma dessas cinco frentes: a turística, religiosa, hídrica, identitária e fronteiriça?

Sim. O Rio Jordão é a maior fonte de água em um local extremamente quente, cuja irrigação é fundamental para o plantio naquela região. Por isso, o Vale do Jordão é extremamente fértil. Nos anos 90, Israel começou a construir barragens para controlar as águas do rio e irrigar suas fazendas. A água é controlada por Israel, os palestinos têm acesso restrito e passam a ter problemas de irrigação. Esta é a questão hídrica. Quanto à questão religiosa, há outros locais em que ela cria mais tensão do que no rio, como o túmulo dos patriarcas em *Khalil* (Hebron), por exemplo, ou a própria Jerusalém. Mas ela está materializada no rio. Essa ideia de "Terra Santa" é judaico-cristã, cujo território hipotético vai do Sinai, no Egito, passando pela Jordânia, Líbano e alguns lugares da Síria. Ou seja, exclui o Islã dessa narrativa, tão presente nesse local. Essa questão é parte fundamental da *Hasbara* israelense, que é a tentativa de justificar porque aquela terra é deles. E o documento chave disso tudo é a Bíblia antiga, o "livro sagrado", ou o "antigo testamento". Prevalece a interpretação de que tudo que é dito em um livro foi verdade, e que o pertencimento a um território é exclusivo de um povo/crença.



Banco Blom - Beirute



Banco Crédito Agrícola - Beirute

Já o turismo envolve dinheiro e a divulgação dessa narrativa religiosa. Há uma cena no filme de um grupo de brasileiros evangélicos que vão se batizar em massa no rio. O Bolsonaro se batizou no rio no dia em que o senado aprovou o impeachment de Dilma, por exemplo. Outra cena mostra a produção industrial de garrafinhas plásticas contendo água do Rio Jordão. O turismo ali foi impulsionado em 1964, quando o papa Paulo VI visitou o local, fez sua primeira peregrinação e disse que ali Jesus Cristo foi batizado. Mesmo ano em que é construído o famoso *Seven Arches Hotel*, em Jerusalém, conformando o percurso turístico desse espaço, o roteiro da "viagem sagrada". A questão identitária se revela primeiramente através do batismo no rio, pois uma pessoa se torna cristã, adquire sua identidade cristã, através do batismo. No filme, eu trago a música *Roll Jordan Roll*, escrita por Isaac Watts, no século XVIII, que fala sobre o batismo de Jesus Cristo no rio, uma música gospel, protestante, e que tinha esse caráter de ser cantada em missas onde pessoas escravizadas nos EUA eram foco de conversão ao cristianismo.

Depois, no começo de XIX, ela se transformou em outra coisa completamente oposta, um grito de liberdade cantado por pessoas escravizadas. São dois momentos da mesma música que expressam essa relação entre a identidade cristã e o rio. Uma música que fala da performatividade do devir cristão, o rio que limpa todo mundo, que te faz renascer, agora cristão, onde o filho de Deus ali nadou.

Você apresentou esse trabalho no mundo árabe? Ele provoca polêmicas?

Sempre tem. A maior delas foi no Líbano. Quando mostrei na Universidade Americana de Beirute as pessoas se incomodaram com a última cena, que tem uma conotação meio "bandeira dos EUA na lua", colonos israelenses entrando no rio com a bandeira de Israel na mão. Concretizando a ideia de que aquele rio é um lugar que deve ser conquistado, que está em disputa. É de fato uma cena forte e dura, mas que representa uma realidade, não só a terra é dominada por Israel, mas também as águas.

SOBRE BANDIDOS

Você começou a filmar Sobre bandidos em que contexto?

Comecei a filmar no Líbano, em 2022, quando estava acontecendo uma grande crise econômica no país, e a 200 metros do meu trabalho um homem entrou no banco, armado, para pegar o dinheiro dele que tinha sido confiscado pelo próprio banco. O que aconteceu é que, em 2020, os donos dos bancos libaneses transferiram o dinheiro dos bancos para fora do país, conseqüentemente das pessoas, e em seguida fugiram do país, que ficou sem dinheiro. Não tinha mais dinheiro no país. Isso quebrou a economia, ocorreu uma hiperinflação e a maioria dos estabelecimentos passou a utilizar o dólar para as transações do dia-dia.

Ou seja, os bancos roubaram a população.

De certa forma as pessoas achavam que tinham dólar no banco e subitamente não tinham mais. Começaram a tentar tirar o dinheiro e não conseguiam, os bancos negavam, diziam que eles não tinham mais acesso ao dinheiro. E a população começou a entrar armada nos bancos para pegar o dinheiro confiscado, pois era a única forma de conseguir o dinheiro.

E as pessoas conseguiam recuperar o dinheiro?

Sim, as pessoas conseguiam e não eram presas porque elas não estavam indo pegar nada além do próprio dinheiro delas. Então, em suma, não estariam fazendo nada ilegal. Você vai ser presa por pegar seu próprio dinheiro? Vira um ponto sem nó.

O fato de estarem armadas não criminaliza o ato?

A arma era de brinquedo, no caso da Sally, mas para além disso houve um apoio enorme da população civil, que passou a se identificar com esses "bandidos", fazendo com que a prisão e possíveis queixas contra essas pessoas se tornassem ineficazes.

Ou seja, a população contra os bancos... e o governo?

É, mas no Líbano essas esferas se misturam, o dono do banco é primo do ministro e assim vai. O aspecto econômico, religioso e administrativo no Líbano se aproximam muito um do outro. Convidei a Nadia Bou Ali, uma professora de teoria crítica da universidade de Beirute, para uma entrevista que se tornou a narrativa do filme. O convite era pensar o significado desses "assaltos" a bancos. E ela fala em um momento que esses máfia lords, que eram cabeças durante a guerra civil, chefes de milícias, se tornaram políticos importantes, donos de bancos e ativos na administração pública do país.



Silos de Beirute pós explosão

Lá eles adotam a política confessional, sistema de governo que une religião e política, com o poder público dividido em três frentes: Cristão Maronita, Muçulmano Sunita e Muçulmano Shiita. Uma das questões que cria problemas é o fato de você não poder votar em um partido que não representa a sua religião, se você for uma Cristão Maronita e quiser votar em um político Muçulmano Sunita, não pode.

O que provocou essa crise?

Essa crise retratada no filme começou, de certa forma, assim que a guerra civil terminou. Rafic Hariri, na época primeiro-ministro, montou em 1991 um plano de retomada econômica que se chama Horizonte 2000. Esse plano criou as diretrizes econômicas do período pós-guerra e provocou a crise de 2019, que perdura até hoje. Não entrei em detalhes sobre o plano Horizonte 2000, mas, em resumo, seu objetivo de atrair capital estrangeiro com altos índices de rendimento foi o que provocou a bolha financeira que quebrou o país.

Você fez todas as imagens e entrevistas? Como foi o processo de trabalho?

Eu filmei bastante para esse projeto mas teve também muita imagem de dentro dos bancos assim como dos arquivos de TV que usei para compor a narrativa. O processo foi o de contactar essas pessoas que entraram nos bancos e entrevisté-las primeiramente. Paralelamente, coletei fotos e vídeos e estudei o tema. Depois do período de coleta das imagens, comecei a compor uma narrativa, uma história que pudesse se desdobrar em frentes como: fotografia, leitura-performática e filmes.



Ein-Gyria

NÃO DESPERDICE O BILHETE

Quando você chegou pela primeira vez ao mundo árabe? Em quais países você viveu?

Por volta de 2016 vivi na Palestina, onde fui convidado a dar aula na Academia de Belas Artes da Palestina, em Ramallah; em 2017, saí do contexto árabe para a Grécia, em Atenas, quando participei de um programa de residência do Capacete junto a Documenta 14 de Kassel; em 2018, morei na Jordânia, onde fiz outras duas residências em Amman, período no qual fiz o filme *Jordão*; entre 2019 e 2021, vivi no Egito, entre Cairo e Alexandria, onde me juntei a um grupo de artistas e professores para montar, em Alexandria, uma filial do CILAS - *Cairo Institute of Liberal Arts and Sciences*; e, em 2023, morei no Líbano, quando fui convidado por Mansur Azziz, uma figura importante da cena cultural libanesa, para montar em Beirute uma escola nos moldes da de Alexandria, o que não ocorreu devido à crise econômica que assolou o país, que é justamente um dos temas do projeto *Sobre bandidos*.

Você fala árabe?

Sim, sim, um bom 80%. Fui alfabetizado aqui no Brasil, em 2015, quando me inscrevi num curso com refugiados em São Paulo. Depois fui aperfeiçoando ao longo dos anos, até me solidificar mesmo no Egito, pois na periferia onde eu morava não se falava inglês, só árabe.

O que te inspirou a embarcar nessa jornada?

Foi sem dúvida a Academia de Belas Artes da Palestina e meio que uma coisa foi levando a outra. Por exemplo, quando estava na Jordânia fazendo o filme, conheci o pessoal do Cairo que estava organizando a escola em Alexandria e me convidaram para participar. Durante esse período da escola, fiz muitas amizades e isso me levou ao Líbano mais tarde.

Como se deu o convite para dar aula na Academia de Belas Artes da Palestina?

Conheci em São Paulo uma curadora escocesa, Ainslie Rod, após algumas conversas descobrimos que ambos estávamos em Ramallah no mesmo momento, em 2014, e ela em seguida me colocou em contato com Khaled Hourani, um importante artista palestino que junto a nomes como Nabil Anani, Sleiman Mansour e outros da geração da segunda Intifada fundaram a Academia de Belas Artes. Iniciamos uma conversa e Khaled me incentivou a dar aula na Academia. Em pouco tempo fui para lá.

Mas a primeira vez que fui à Palestina foi em 2014, quando visitei um amigo que morava em Ramallah e passei dois meses no país. Quando cheguei meu amigo me sugeriu caminhar até Jenin, no norte da Cisjordânia, dias depois fiz isso. Foi um momento de perceber o que era a ocupação israelense, a presença dos militares, a constante vigilância e o abuso de poder em contextos rurais e urbanos... Foi algo bem sinistro, tive durante a caminhada algumas vezes armas de militares apontadas na minha cara e até fui enquadrado por uma espécie de tanque de guerra.

Foi em 2016 que eu voltei para dar aulas na Escola de Belas Artes da Palestina, aulas de acompanhamento de projeto e história da arte brasileira. Foi um momento relativamente calmo, mas ficou claro para mim naquele momento como no dia-dia na ocupação era difícil, muitos alunos não conseguiam chegar às aulas por causa de estradas fechadas por blitz.



Ein-Qynia

Não desperdice o bilhete
individual de Gian Gigi Spina
curadoria de Juliana Caffé

Ateliê397
Travessa Dona Paula, 119A – Higienópolis
Abertura: 30 de novembro, das 14h às 18h
Visitação: de 04 a 14 de dezembro, 2024.
quarta a sábado, das 14h às 18h.

Ateliê397
Gestão: Bruna Fernanda, Érica Burini,
Jeane Gonçalves, Tania Rivitti, Thais Rivitti
Produção executiva: Jeane Gonçalves
Design: Thiá Sguoti

Ateliê397



Cairo

Como se deu o convite para a construção do CILAS na Alexandria?

Em 2019, artistas que conheci durante as residências na Jordânia me convidaram para construir a escola em Alexandria, artes e teoria crítica eram a base do ensino. Fiquei surpreso como havia muita influência de Paulo Freire, a *Pedagogia do Oprimido* tem quatro traduções em árabe. Sobretudo a influência no que diz respeito à centralidade do diálogo no processo de aprendizagem e ensino. A escola era formada por professores do Cairo e Alexandria e os alunos na maioria vinham das cidades do delta do Nilo e arredores. Era um ambiente muito vivo e extremamente diverso, havia os jovens de família ricas, os bem religiosos, alguns com uma produção artística já existente, alguns que já trabalhavam como fotógrafos e escritores... Mesmo os professores tinham histórias bem distintas. Foi sem dúvida a melhor coisa que fiz na vida.

A tensão que você descreveu sentir na Palestina, existia também no Egito e no Líbano?

No Líbano acho que a questão principal é a total falta de Estado e a política dividida em grupos religiosos. O país se tornou fraturado em bolsões religiosos. Já o Cairo é uma ditadura militar, a tensão está no controle social, o mais perigoso que você pode fazer no Egito é uma manifestação.

Antes de iniciar essa jornada árabe, você produziu no Brasil uma série de trabalhos sobre a relação entre memória, poder e espaço público. Os trabalhos que você desenvolveu nestes últimos anos seguem essa linha de pesquisa?

Sim, o *Jordão* segue essa linha, principalmente no que diz respeito à construção de uma narrativa histórica através do rio. Em *Sobre bandidos* também, já que olho para a história econômica do país.

O seu processo artístico, sobretudo nos filmes, é marcado pela costura de recorte de imagens suas, de outras pessoas, da construção de uma narrativa, tudo acompanhado da sua vivência intensa com o contexto.

Isso acabou virando um método processual de elaborar o trabalho: estudo, recolher materiais visuais, sonoros e de arquivo e depois o ataque, a edição, a escrita, o que dá para fazer com esse material. Escrever com e sobre esse material. Em *Jordão*, por exemplo, filmei, fiz imagens de satélite, imagens em mini dv, baixa definição, e depois recolhi material de arquivo. Em *Sobre bandidos* também. De forma geral, como há muita reflexão, não são trabalhos documentais, tem muita ficção envolvida, cenas que crio com base na minha vivência nesses contextos.

Você acabou de lançar um livro de poesias que produziu durante esses últimos anos, Cavalos Boiando no Nilo. A poesia também está muito presente no seu trabalho.

Eu sempre escrevo, principalmente poemas. É uma forma de dar sentido ao mundo para mim. Materializar as imagens que eu vejo, as sensações, de escrever as cenas que eu vivo através desses poemas. É quase que um processo fotográfico mesmo. Este livro começa em Ramallah, em 2016, e termina em Beirute, em 2023.

Quais são seus próximos projetos?

Tem dois em andamento. *Um é Cartas a Nazih*, um filme sobre a minha relação com a cidade do Cairo através de cartas que escrevi para o meu amigo egípcio, com quem vivi durante anos no bairro de Shubra, no Cairo. Outro é um projeto sobre a Revolução Verde no Brasil, o processo de modernização da agricultura na região do cerrado.

Legal, Habibi, que epopeia incrível!

Uma das coisas que lembrei durante essas conversas foi de uma frase dos arquitetos Charles e Ray Eames, algo como "levar as nossas brincadeiras a sério", eu me acho um cara muito sério.